



SENADO EM CRISE

Senador decide se desligar do partido depois que aumentou a vontade da bancada de expulsá-lo da legenda. O parlamentar telefonou para o senador Sérgio Machado (CE) e disse apenas que era uma decisão pessoal

Arruda não é mais do PSDB

Denise Rothenburg
Da equipe do Correio

A disposição do PSDB em não proteger o senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) e que terminou por levá-lo a pedir ontem seu desligamento do partido começou a se formar durante um casamento. Em São Paulo, enquanto aguardavam na longa fila de cumprimentos aos noivos Alexandre e Verônica, filha do ministro da Saúde, José Serra, os deputados Márcio Fortes, o deputado João Almeida (BA) e Milton Seligman concluíram que só havia uma saída para Arruda: contar toda a verdade, pedir licença do PSDB e renunciar ao mandato. Seria a senha para que ele fosse coberto de compaixão pelos tucanos, escapasse de uma punição no Senado e pudesse se candidatar a deputado em 2002, retomando sua carreira política.

Aconselhado por advogados, Arruda tomou um outro caminho: não renunciou, não se licenciou do partido e, para completar, deixou a seus colegas de partido e impressão de que não contou toda a verdade quando foi à tribuna do Senado na segunda-feira. "Ele mentiu a primeira vez, continua mentindo e envolveu o partido. O ato fere o decoro parlamentar e não há nem mais o quê apurar, porque a mentira está caracterizada. Basta ver um discurso e outro", comentou João Almeida.

Ele se referia aos dois discursos de Arruda. Na semana passada, Arruda negou ter visto qualquer lista com os votos de senadores no processo de cassação de Luiz Estevão (PMDB-DF). Também jurou que não havia tratado do assunto com a ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) Regina Borges. Nesta segunda-feira, Arruda mudou tudo: confessou ter-se encontrado com Regina, recebido e lido com os votos e entregue o documento ao presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Só não disse que havia pedido a lista, o que os tucanos não acreditam.

GOVERNO REAGE

Os dois discursos, vibrantes e emocionados, um para negar e outro para confessar, fulminaram Arruda em seu partido. O presidente Fernando Henrique Cardoso e seus assessores e ministros não gostaram nada do fato de Arruda dizer em alto e bom som que defendera o governo em "situações mais graves do que esta (a violação do painel)". Chegou ao ponto do presidente proibir seus ministros de defender publicamente o ex-líder do governo. Até porque o presidente sabe por meio de informações e e-mails que chegaram ao Palácio que "pegou mal", o fato de ele se referir ao discurso do ex-líder como corajoso.

A irritação dos tucanos era tal que 76 deputados tucanos, na reunião semanal de bancada, recomendaram ontem a expulsão dele do PSDB, uma atitude combinada com Fernando Henrique e o tucanato. No almoço da Executiva Nacional do partido, ficou combinado entre os integrantes do tucanato que o deputado Al-

berto Goldman (PSDB-SP) apresentaria o assunto para discussão na bancada, que se reuniria à tarde, já propondo a expulsão. Foi como acender um fósforo em gasolina. Os deputados, que já estavam desconfortáveis com o envolvimento de Arruda no escândalo, fizeram coro: "Ele rompeu os princípios básicos da ética e da democracia, que são o respeito ao voto. Ele feriu o decoro parlamentar. A punição é a perda do mandato", defendeu o líder na Câmara, deputado Jutahy Magalhães (BA).

A única que se absteve, mas não defendeu Arruda, foi a deputada Lúcia Vânia (GO), "por solidariedade pessoal". Como é amiga do senador há 15 anos, coube a ela a missão de procurar Arruda, transmitir-lhe o resultado da reunião da bancada e pedir a ele que saísse do PSDB para não expor os tucanos a um desgaste e evitar o "sofrimento desnecessário de passar por um processo de expulsão". Foi acompanhada pela deputada Yeda Crusius (PSDB-RS).

DEPRIMIDO

Arruda estava na casa de um advogado amigo, no Lago Sul, a mesma em que está hospedado desde a quinta-feira e onde redigiu o pronunciamento feito na segunda. Antes mesmo das duas deputadas chegarem, ele já estava informado do resultado da reunião na Câmara. Quem esteve com ele encontrou o retrato da depressão estampado em seu rosto. Ele jamais esperava essa reação furiosa do PSDB. Assim como o PFL está solidário com Antonio Carlos Magalhães e o PMDB mantém Luiz Estevão até hoje em seus quadros, Arruda considerava que os tucanos teriam o mesmo comportamento em relação a ele, especialmente, depois do discurso da segunda-feira, classificado como "corajoso", pelo presidente Fernando Henrique. "Se o próprio partido me condena, que dirá os outros", comentou Arruda com um amigo.

O senador seguiu o conselho das deputadas. Já que a expulsão era apontada como inevitável, ele ligou para o senador Sérgio Machado (PSDB-CE) e avisou que estava se desligando do partido. Telefonou justamente no momento em que os senadores tucanos estavam reunidos para avaliar a situação dele (Arruda). Machado colocou o telefone no viva-voz para que os outros pudessem ouvir. Mais uma vez, Arruda chorou e só conseguiu dizer que era uma decisão pessoal.

A carta com o desligamento só chegou ao presidente do partido, Teotônio Vilela Filho (AL), no início da noite. Em quatro linhas, Arruda diz que, "tendo em vista os acontecimentos que são de conhecimento", ele solicitava seu desligamento do PSDB, "para evitar qualquer tipo de constrangimento" ao partido que sempre defendeu. Agora, com Arruda fora do PSDB, os tucanos o querem fora do Senado. "A posição ética seria a sua renúncia ao mandato", defendeu o senador Álvaro Dias (PSDB-PR).

COLABOROU OLÍMPIO CRUZ NETO



JOSÉ ROBERTO ARRUDA SE SENTIU ISOLADO DENTRO DO PSDB DEPOIS DE TER CONFESSADO: "SE O PRÓPRIO PARTIDO ME CONDENA, QUE DIRÁ OS OUTROS"